

## A CONTRAPARTIDA (1692)

*Roberto Curi Hallal  
(2011)*

A lassidão das tristezas troçam dos atrasos não se importando se o tempo se acabe ou se perca, formam moldes para adaptar a vida derretida em modos de não viver, tirando a cor das cores para acabar com a certeza de que tudo irá acabar mal. Assemelhada a uma mentira, a tristeza salta sem hesitação no vazio alimentando o inimigo que opera na contra-mão da alegria e da nova chance, da presença que cativa e convida a novamente tentar. Exposta ao rigor, a vida fica dolorida, jaz rompida, fica desprestigiada. Sem previa autorização se totaliza, anda desumanizada, festeja os pedaços, fragmenta o sonho e prova que não vale a pena tentar, inventar, sonhar.

Organizados em torno dos assistencialismos, os humanos ficam esterilizados sem saber da importância de suas inclusões, suas possibilidades de retorno, da importância da contrapartida que promove o compromisso do retorno que vincula o doador e o receptor. Sempre que haja a contrapartida haverá nivelamento entre os envolvidos, o **nós** será a atitude solidária que une o "desejo de ajudar" ao "de ser ajudado". A sensibilidade mobilizada pela necessidade do outro pode desencadear uma vontade de ajuda, ainda que geralmente se esvazie com a mesma rapidez com que surge. A valorização do outro pode evitar a humilhação da esmola ao se comprometê-lo com a contrapartida. Testemunhar em favor do desamparo do outro será valorizado sempre e quando se exija uma contrapartida que nunca deverá ser material e supérflua, pois não se trata de preços, mas sim de valores a ser comprometidos como **retorno por gratidão**. O descompromisso da doação sem contrapartida liberta o beneficiado de apreender o valor e o significado de sua inclusão, pois ao esperar-se dele alguma contrapartida estará elevado ao nível dos humanos que co-laboram, que se nutrem, que realizam com o outro. Cria-se desta forma uma inclusão participativa enquanto que o descompromisso da contrapartida cria uma postura indigente, sem uma **prática de responsabilidades mútuas**. Unem-se, jogam-se ajudas entre si, revitalizam-se nas novas expectativas, criam-se

coletivos, gerando iniciativas, celebrando aprendizagens como práticas sociais cotidianas vividas na vida real de todos os dias.

*"Posto que o pão verdadeiramente não é coisa de ir a tomá-lo por si mesmo e comê-lo sozinho. Se haverá de receber ou se haverá de dar. A lei do pão manda que se ofereça e que se receba, que se comparta; que se coma junto com os demais, que assim se fazem próximos de verdade. Posto que o que "os outros" ou os "demais", são nosso próximo, se sente e se sabe melhor que nunca quando com eles compartimos o pão, o seu ou o próprio, que assim se faz nosso. Que o pão não pode ser meu ou de ninguém sozinho; ou é nosso, assinalando assim que é de todos, ou não é de ninguém, e resulta então uma usurpação o comê-lo." (Maria Zambrano citada por Arturo Sala no artigo Enfermedades de Pobreza y desocupación: Dispositivos genocidas).*

Os comportamentos que estimulam a passividade desvinculam a participação comprometida. Faz-se dominadora a ação unilateralmente ativa do doador que nega ao receptor um posicionamento compartilhado. A contrapartida quando solicitada elimina os domínios de uns sobre os outros. Como nos ensina Arturo Sala em Antropologia e os Direitos Humanos: "São os dizeres de **uns** que acreditam e desenham o que **outros** necessitam, desde a realidade subjetiva do Poderoso".

Afunda-se ainda mais o necessitado quando se o impede do resgate de seus brios através da sua inclusão comprometida. A oferta da contrapartida organiza uma reintegração, torna possível um sentido de consideração e visibilidade para o receptor, que quase sempre está cronificado no vazio a espera do assistencialismo a que está condenado e domesticado, diante da doação unilateral se faz dele uma testemunha da realidade piorada pela falta de consideração para com ele. Reiteradas vitimações os condenam à infertilidade que não lhes dá condição de distinguir entre a degradação imposta pela exclusão social e uma possível incompetência de uma reação sua a esse estado de coisas. A perda da noção de direitos ou a identidade

negada por seu desaparecimento social colabora à cronificar seu estado de excedente social.

A contrapartida ensina que há lugar para o repouso e o passeio, que as velas se somam aos ventos, que a pedra pode ser lastro, que a retirada pode ser oportuna e a inclusão sempre necessária, que os reflexos iluminam as sombras, que a realidade não apaga o sonho, enfim, que a ruína não acaba com a esperança.

A vida muda a cada instante, a cada movimento se transforma. Para que não pareça infundada a proposta da contrapartida leva consigo algumas exigências: disposição bilateral, valorização do outro e abertura para o coletivo. Tal a combinação necessária que não basta a boa vontade para lograr o que se gostaria. Há que ver se as disposições são equivalentes para que um não tenha que transportar o outro, que a ambição seja de ambos para que um não se responsabilize pelo outro e por fim que, ambos dêem de si os valores mais ricos, pois na troca das dores, das carências e das tragédias ninguém oferece nada mais do que sua vitimização. A partilha espera a companhia do melhor de cada um repartido para lograr uma soma, então a contrapartida será um convite à participação protagonista e ativa como um adorno que confirma que é possível trocar. Evita-se assim o abuso de poder e o endividamento causado pela doação unilateral que assalta o espírito e alimenta a passividade. A contrapartida cobra força quando se priorizam os **encontros** e se busquem alcançar simpatias, sempre que se encontre uma razão para o encantamento, para a conquista do outro, é o que dá força para a união fraternizada, para alimentar a vontade de estar e seguir juntos.